

Com base nos Princípios Perlman: Lições Aprendidas, de 20 megacidades

Dada a magnitude dos problemas ambientais urbanos e a concentração da população mundial e as atividades econômicas nas cidades, não é de estranhar que muitas cidades sejam apontadas como a causa da degradação ambiental global. Esta é percepção mal informada, no entanto, cria políticas contra-produtivas, que ameaçam levar-nos a um ponto sem retorno. Para inverter este ciclo descendente, precisamos de um novo paradigma baseado em realidades de fato, em vez de um viés anti-urbano:

Os seis pontos abaixo podem ser controversos ou parecerem contra-intuitivos, mas eles são a base incontornável para avançar para uma sociedade sustentável e justa:

1.

Não pode haver sustentabilidade ecológica global sem sustentabilidade ecológica urbana.

Concentrar a população humana nas cidades é uma necessidade ambiental. Não só as economias de escala criam energia e eficiência dos recursos, mas também, se a massa de terra de todo o planeta fossem divididas em lotes familiares individuais, não haveria espaço deixado para a agricultura ou áreas silvestres naturais.

Sistemas circulares em vez de sistemas lineares: As cidades concentram a poluição e a degradação ambiental, transformar o metabolismo urbano de linear para circular é a chave para reverter nossa degradação ambiental global. Nós precisamos de reuso de nossa água e resíduos, e utilizar o que está descartado como recurso produtivo.

2. Não pode haver solução de ambiente urbano, sem aliviar a pobreza. Os pobres urbanos tendem a ocupar as áreas ecologicamente mais frágeis de nossas cidades, como encostas íngremes e de terras baixas úmidas, ou junto a indústrias de risco. Além disso, a falta de recursos muitas vezes os impede de ter adequado suprimento de água, esgoto, ou sistemas de gestão de resíduos sólidos. Sem locais alternativos para se instalar e renda suficiente para cozinhar e se aquecer, sua sobrevivência será cada vez mais confrontada com as necessidades ambientais.

3. Não pode haver soluções duradouras para a pobreza ou a degradação ambiental, sem criatividade, baseada nas inovações das comunidades. Uma vez que a criatividade não foi distribuído ao longo de linhas de raça, classe ou gênero e peritos e decisores políticos nem sempre são a melhor fonte de inovações. O mais criativos em soluções eficientes para problemas urbanos tendem a emergir ao nível das bases, mais próximo dos problemas que devem ser resolvidos. E, sem a participação local na implementação, mesmo as melhores ideias estão condenadas ao fracasso.

4. Não pode haver impacto da escala, sem compartilhar o que funciona entre os líderes na política. A fim de ter um impacto significativo, micro-iniciativas precisam ser replicadas em bairros e cidades, através de redes de aprendizagem ou incorporados em quadros de política pública.

5. Não pode haver transformação urbana sem alterar os sistemas de incentivos de idade e "regras do jogo." Uma vez que todos os setores da sociedade urbana tem de fato um veto sobre os outros, as inovações locais nunca podem alcançar escala com parcerias inter-sectoriais envolvendo governo, empresas, ONGs, universidades, mídia e grupos de base. Precisamos criar um clima propício à experimentação, a aprendizagem mútua e colaboração.

6. Não pode haver uma cidade sustentável do século 21 sem justiça social e participação política, bem como a vitalidade econômica e regeneração ecológica: inovações que promovam a regeneração ecológica são apenas uma peça do quebra-cabeça. É só procurar inovações na justiça social, democracia participativa e produtividade econômica - e, idealmente, as inovações que possuem esses quatro atributos - que as nossas cidades poderão ser verdadeiramente sustentáveis para o século 21 e além.